

Revide Ancienne

12 DE SETEMBRO DE 2025



ECONOMIA

O mercado de trabalho começa a valorizar a chamada "geração prateada" como força produtiva, com contratação de profissionais 50+

ARTE MADURA

O artista plástico Waldomiro de Freitas Sant'Anna compartilha sua receita de longevidade e se diz um "pintor de silêncios"

UMA MULHER DESTEMIDA

Haifa Cury Aude completou 100 anos como um exemplo de coragem e determinação para familiares, amigos e quem mais quiser se basear em sua história

A woman with long, wavy blonde hair is smiling and looking towards the camera. She is wearing a black halter-neck top and a delicate necklace with a small heart pendant. The background is a light-colored brick wall.

Por Fernando Martinelli

Sua referência em beleza

Av. Giuseppe Cilento, 1910 • Agendamentos: (16) 99613.3626

INDOOR
cabeleireiros

NOVA HISTÓRIA *no Brasil*

A VIDA DE HAIFA CURY AUDE — MARCADA POR EXPERIÊNCIAS NO
LÍBANO E NO BRASIL — CRIA UMA NARRATIVA FÁCIL DE SER ADMIRADA

“**E**sta é a história de uma mulher incrível, Haifa Cury Aude, que nasceu no Líbano, em 28 de agosto de 1925. Ela sempre morou em Anfeh, cidadezinha perto do litoral do Mediterrâneo, com os pais, Marwa e Michel Cury. Era a primogênita de quatro filhos — os irmãos eram Souad, Nagibe e Rateb. Naquela época, Anfeh era pequenininha. Hoje, é uma cidade muito bem frequentada, turística, com balneários, cresceu demais, mesmo com o Líbano enfrentando situações difíceis”, conta a filha, Mariana Jábali.

O Líbano da juventude de Haifa vivia sob o domínio pacífico da França, por isso o francês era a língua oficial. Seu pai, Michel, ainda muito jovem foi prefeito de Anfeh, e mais tarde nomeado governador do Estado de Akaar. Por conta do ofício dele, Haifa estudou fora e absorveu tanto a cultura do norte do Líbano quanto a do centro. Quando jovem, passava férias na casa da avó Adla Attiê, no norte, que gostava de ler e ir ao cinema e terminou a influenciando também.

Fida, outra filha, diz que a mãe sempre se destacou na escola. Estudou pouco, mas o suficiente para ser uma excelente aluna. Foi até para a Síria, frequentar uma escola conceituada



Haifa com os filhos: Iskandar, Fida e Mariana



Primos em segundo grau, Wahib e Haifa casaram-se muito jovens

da época, na cidade de Homs, mas a guerra impediu que ela continuasse. “Sempre foi muito fácil e muito difícil falar sobre minha mãe”, afirma. “Muito criativa, ela foi artista desde sempre. Ainda uma ‘meninota’ fez teatro na escola, encenando diversos personagens: foi camponesa, Nossa Senhora, rainha Alissar... Declamava as poesias do meu pai como ninguém”, acrescenta.

Sempre à frente do seu tempo, Haifa aprendia muito com os mais velhos e gostava. Frequentou muito Beirute, com as irmãs, na época em que o Líbano era a Paris do Oriente Médio. “Ela começou a namorar meu pai, Wahib Aude, com 16 anos. Eles eram primos em segundo grau. Ele um pouco mais velho, um escritor e poeta libanês. Sempre foi um homem voltado às letras, à espiritualidade, preocupado em promover uma educação inclusiva para os filhos, aberto a rever modos de ser e de pensar. Como marido, passou isso também para Haifa”, continua Mariana.

Em 1945, já casada, vivendo em Anfeh com o marido e os três filhos — Mariana, Fida e Iskandar —, Haifa vivenciou a independência do país.

O destino quis que Wahib, acompanhando tios idosos que vinham ao Brasil, encontrasse com grande parte da família Cury por aqui. Passou três meses como turista, passeando. “Começou, então, uma pressão positiva para que ele permanecesse e se reunisse aos demais familiares. Diziam para ele: ‘a família está muito grande aqui no Brasil, aqui é uma terra linda de oportunidades’, recorda Mariana. “Apesar de o Líbano ser uma terra maravilhosa, ‘carta vai, carta vem’, meu pai acabou convencendo minha mãe a vir para o Brasil encontrar com ele e começar uma nova vida com os três filhos.

NO BRASIL

Haifa chegou em 1950, junto com o irmão, Rateb, a um Brasil caloroso, acolhedor, em meio a uma grande família de tios e primos. Apesar da saudade, das diferenças, enfim, de ser uma estrangeira — e um aspecto difícil também: sem os pais e suas duas irmãs —, ela começou uma nova história. Dois anos depois, seus pais, Michel e Marwa, junto com a irmã Nagibe, vieram também para o Brasil. Só ficou por lá a irmã Souad, pois já era casada e



Haifa com os filhos: Mariana, Fida, Iskandar e a bebê Sussuca (falecida)



Para a família, a elegância de Haifa não é só de roupas, mas de atitudes

AOS POUCOS HAIFA FOI SE DESLIGANDO DA COSTURA EM CASA E, EM 1995, AOS 70 ANOS, ABRIU A HAIFA BOUTIQUE. PAROU OFICIALMENTE DE TRABALHAR SÓ AOS 85 ANOS

na região. A elegância dela, para a filha, não é só de roupa, mas de atitudes. Foi o que a fez ditar moda.

Haifa abriu uma boutique com seu nome, que funcionou inicialmente na própria casa, juntamente com a costura. Assim, foi formando e casando os filhos. “A nossa casa estava sempre impecável, com flores nos vasos, e ela mudava sempre os móveis de lugar. Minha escolha por ser decoradora veio dela”, diz Fida, que teve o privilégio de estar junto da mãe todos os dias, pois as lojas Haifa Boutique, Fida Aude Interiores e Mabrouk Arabian Food dividiam o mesmo espaço. “Nós chamávamos de Pátio Aude. Ela foi sempre nosso porto seguro — meu e dos meus irmãos. Puxava nossas orelhas, mas também nos protegia. Não me lembro de ficar de castigo. Ela e o meu pai, ao invés de nos botar de castigo, como toda vizinhança fazia, conversavam horas e horas nos falando de valores. Essa foi nossa educação. E a

tinha família no Líbano — ainda é viva, tem 96 anos e mora entre França e Líbano.

No final, Haifa tinha no Brasil, além do marido e dos três filhos nascidos no Líbano, também a mãe, o pai, o irmão e uma filha — Suad (a Sussuca), que nasceu dois anos depois que já estavam em terras brasileiras. Sussuca, precocemente falecida, aos 30 anos, era uma violonista de peso, contam as irmãs. Segundo elas, fez história e teria feito uma belíssima carreira se viva.

Depois de oito anos no Brasil, Wahib Aude, faleceu. “Foi um choque! Dois anos depois, mamãe perdeu também o irmão, precocemente. Nessas alturas, com quatro filhos (de adolescentes até pequenos), só lhe restou ir à luta — e que luta! Mesmo com uma família grande a apoiando, ela quis sempre poder, através do seu trabalho, sustentar sua família dignamente”, conta Mariana. Haifa sabia costurar, mas foi para São Paulo fazer novos cursos. Preparou-se e começou o que hoje seria chamado de ateliê, onde cortava desde roupas do cotidiano até trajes de madrinhas, noivas, debutantes. Sempre na moda, com o estilo e a elegância que a acompanham até hoje, fez-se respeitada na cidade e



Voluntariado: um ingrediente da ‘receita’ de longevidade de Haifa



A costura foi sempre uma grande companheira de Haifa

veia artística que todos nós temos acho que foi moldada pelo papai e pela mamãe, cada um na sua arte”, avalia Fida.

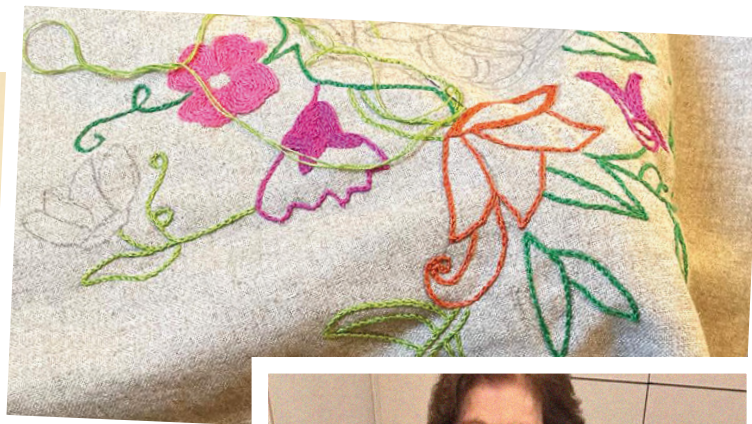
Aos poucos Haifa foi se desligando da costura em casa e, em 1995, aos 70 anos, abriu a Haifa Boutique. Parou oficialmente de trabalhar só aos 85 anos. “Foi quando encerrou a loja e foi viver a sua vida”, diz Mariana.

RECEITA DE LONGEVIDADE

Aos 100 anos, recém completos, Haifa segue como um exemplo para todos na família.

“Minha mãe foi sempre uma pessoa diferenciada, aberta para o novo, uma mulher determinada. Fez yoga durante 15 anos, hidroginástica, personal, caminhada, atividade física, mental, sempre leu jornais locais e nacionais e se interessava pela política e por esporte. Até hoje é assim. Mantém a casa sempre cheia de família e amigos. Está sempre acolhendo, ouvindo e ensinando, de uma maneira discreta. Vive rodeada pelos três filhos, oito netos, 17 bisnetos e seis tataranetos, que vão tomar um café, comer uma coalhada ou uma esfiha com ela. As amigas viravam clientes e as clientes viravam amigas. É lindo como cultiva os valores da amizade, da família, da união, do bom senso”, diz Mariana.

No início deste ano, Haifa caiu e quebrou o fêmur. Precisou



operar, mas sempre afirmou: vou andar! E voltou, com muita fisioterapia e vontade de vencer. “Nunca desistir sempre foi seu lema de vida! Quando você não se entrega, quando resiste, as coisas vão caminhando e isso tem impulsionado cada um de nós, cada geração (são quatro), a encarar os desafios, assim como nossa mãe sempre fez”, afirma a filha.

Para Fida, seu amor pela vida é contagiante, inspirador. “Ela chega aos 100 anos, de andador, com algumas limitações físicas, mas em sua plenitude mental, positiva — como sempre nos ensinou a ser —, cercada de afeto, com a casa aberta, sorriso aberto, recebendo familiares e amigos, mantendo uma rotina de tomar sol pela manhã, alimentar-se bem e dormir tarde, lendo algo e rezando antes de dormir. Sua ‘receita’ para uma vida longa — além dos cuidados com a saúde, alimentação e exercícios físicos — é acordar sempre com propósito, cercar-se da família, ser uma voluntária ativa e ter fé”, finaliza. ■



“DE GRAÇA,
até injeção
na TESTA...”

Imagina se for de Botox

Clube de Botox

Um clube de assinatura em que você realiza suas aplicações a cada 6 meses, por uma mensalidade de **R\$ 228**.

Como todo clube de vantagens, o BOTUCLUB te garante uma série de benefícios ao se associar :



Desconto de 10% em todos os tratamentos e produtos da Fioforma



Presentes e Experiências exclusivas na clínica



Possibilidade de fazer **BOTOX DE GRAÇA** por meio de nossa política de indicação

A cada amigo que entrar para o clube com sua indicação, você ganha **10%** de desconto na parcela - Indicando **10** amigos, você não paga mais sua mensalidade.



www.fioforma.com.br



(16) 99273-2320



@fioformaoficial



FIOFORMA

'GERAÇÃO PRATEADA'

conquista espaço

CADA VEZ MAIS EMPRESAS APOSTAM NO POTENCIAL DA MÃO DE OBRA 50+ PARA ENFRENTAR A ESCASSEZ DE PROFISSIONAIS E ENRIQUECER A CULTURA ORGANIZACIONAL

O mercado de trabalho brasileiro passa por um movimento silencioso, mas transformador: a valorização da chamada “geração prateada” como força produtiva. Em meio à escassez de mão de obra e demandas por diversidade, empresas têm ampliado suas políticas de contratação de profissionais com mais de 50 anos, reconhecendo a experiência, a maturidade e a resiliência como diferenciais estratégicos.

Entre 2012 e 2024, a população brasileira com 60 anos ou mais cresceu 55%, ultrapassando 35 milhões de pessoas. Um levantamento do FGV IBRE (Instituto Brasileiro de Economia), que faz análise e divulgação de estatísticas e estudos econômicos, mostra que esse grupo também tem ampliado sua atuação no mercado de trabalho: o número de idosos ocupados subiu quase 69% no período, chegando a 8,6 milhões. O estudo evidencia que a “geração prateada” está quebrando estereótipos em busca de autonomia e relevância econômica. A baixa escolaridade desse público, no entanto, ainda limita o acesso a vagas formais e melhor remuneradas — a informalidade atinge 53,8% dos trabalhadores 60+.

Para o empresário na área de Recursos Humanos Dimas Faccioli, essa é uma tendência irreversível. “O Brasil e outros países sofrem com a escassez de mão de obra. O público 60+ ajuda a preencher lacunas e traz algo ainda mais valioso: larga experiência para atuar de forma plena desde o primeiro dia”, afirma. Ele destaca que, embora ainda haja preconceitos e receios sobre atualização tecnológica e integração com os mais jovens, a realidade tem mostrado o contrário. “São profissionais que se adaptaram ao novo cenário, com clientes mais exigentes e processos mais digitais. Além disso, em grande parte, apresentam



Para Dimas Faccioli, contratação de 50+ é uma tendência irreversível

resiliência, empatia e capacidade de relacionamento muito acima da média de quem está no início da carreira”, afirma.

Faccioli ressalta que as empresas precisam ser estratégicas. “É fundamental ter clareza sobre as posições que podem ser ocupadas, alinhar expectativas quanto à produtividade e criar uma cultura de acolhimento e respeito. Quando isso acontece, os benefícios são enormes”, destaca.

PROGRAMAS DE CONTRATAÇÃO

Um exemplo de política de valorização da maturidade profissional oferece o Grupo Savegnago, que de janeiro a julho de 2025 contratou 1.015 profissionais 50+, totalizando 2.225 colaboradores nessa faixa etária. O número reflete o sucesso do programa “50+, Experiência que transforma”, iniciativa desenhada para quebrar preconceitos de mercado.

Segundo a diretora de Recursos Humanos do Grupo, Jaciani Rizziolli, o programa formalizou e ampliou um movimento que já existia na empresa, de valorização da experiência de vida desses colaboradores. “Foi um passo natural em nossa jornada por uma cultura mais diversa. Acreditamos na idade como um ativo, não um obstáculo, e vemos na experiência e no conhecimento acumulados uma oportunidade de agregar valor aos nossos times, melhorando a troca de conhecimento entre gerações e fortalecendo nosso compromisso social de construir um ambiente de trabalho que reflita a diversidade da sociedade, gerando emprego para essa parcela tão importante da população”, explica.

A maior concentração de talentos está nas posições de operadores de caixa e de supermercado, funções onde a sociabilidade, a empatia e a paciência natural desses profissionais se traduzem em um atendimento mais empático e humanizado, criando conexão com os clientes. “A versatilidade e a experiência de vida desses colaboradores são valiosas para atuar em diversas frentes, garantindo a eficiência das nossas unidades. Além

O PÚBLICO 50+ AJUDA A PREENCHER LACUNAS E TRAZ ALGO AINDA MAIS VALIOSO: LARGA EXPERIÊNCIA PARA ATUAR DE FORMA PLENA DESDE O PRIMEIRO DIA

disso, também contamos com eles em vagas administrativas, onde a maturidade e a visão estratégica são essenciais”, afirma a diretora, reforçando a busca pelo aperfeiçoamento do programa: “Queremos garantir que eles não apenas entrem na empresa, mas prosperem aqui, contribuindo também para o nosso crescimento”, destaca.

Os benefícios do programa, segundo ela, vão muito além do esperado. “O comprometimento e a estabilidade são impressionantes! Esse público traz uma bagagem de resiliência e inteligência emocional que impacta positivamente o clima de equipe. Além disso, a troca com as gerações mais jovens é riquíssima, criando um ambiente de aprendizado mútuo, onde a experiência se encontra com a inovação”, afirma Jaciani.

Para chegar ao atual nível de adaptação cultural, o Grupo Savegnago promoveu sensibilização e treinamento através de sua universidade corporativa - UniSave. “Criamos conteúdos informativos sobre diversidade etária e riqueza da colaboração intergeracional, encorajando nossos colaboradores a se tornarem mentores e aprendizes ao mesmo tempo. Dessa forma, criamos pontes entre as gerações, quebramos paradigmas, mostrando que todos têm a aprender uns com os outros”, explica a diretora, ressaltando que integração se faz com diálogo e respeito mútuo.

A mensagem com o programa, segundo ela, é clara e simples: “talento não tem prazo de validade”. Ao valorizar a experiência e a sabedoria dos profissionais 50+, as empresas não apenas cumprem um papel social importante, mas também descobrem uma fonte inesgotável de valor. “É uma via de mão dupla: eles trazem a experiência que as empresas precisam, e as empresas oferecem o ambiente para que essa experiência continue a prosperar. A diversidade etária é a chave para a inovação e o crescimento sustentável”, conclui.



A diversidade etária é a chave para a inovação e o crescimento sustentável, afirma Jaciani Rizziolli



TRABALHO E AUTOESTIMA

“Comecei a trabalhar com 14 anos, em uma fazenda. Com esforço, continuei os estudos, o que me abriu portas em uma usina e, depois, na Nestlé, onde comecei como terceirizado e, pelo meu empenho, fui efetivado até me aposentar. Recentemente, voltei a estudar e me formei em Logística. Voltei para não me sentir ansioso e senti que era o momento

certo. Queria me atualizar, retomar minha trajetória profissional e buscar crescimento pessoal e profissional. O trabalho me traz bem-estar e sinto que, hoje, consigo desenvolvê-lo de forma mais prática, porque tenho mais visão na execução das tarefas e nos relacionamentos com as pessoas. A maturidade me trouxe mais calma e sabedoria para lidar com o dia a dia e voltar a trabalhar melhorou bastante minha autoestima. Sinto-me realizado profissionalmente e minha mensagem é simples: se você tem vontade e capacidade, volte ao mercado!”

Gildoberto Gomes dos Santos,
54 anos, auxiliar de depósito



NUNCA É TARDE

“Trabalhei mais de oito anos como testadora e tive experiências como caixa em posto de gasolina, secretária em clínica de estética e, mais recentemente, como monitora em creche infantil. Ainda não me aposentei, mas adoro estar em movimento. Hoje, com mais maturidade, consigo lidar melhor com todas as situações – a idade traz mais paciência e sabedoria. Tudo se torna mais leve do que quando eu tinha 20 anos. A relação com os mais jovens é ótima! Olho para eles como se fossem meus filhos, pois sou mãe de três. O mais marcante é me sentir valorizada pelos meus líderes todos os dias. faz toda a diferença. Sinto-me útil por ajudar na minha casa e o trabalho também faz muito bem ao meu bem-estar psicológico. Não estar o tempo todo em casa é bom para mim. Minha mensagem é para que nunca desistam de nada. Sempre há tempo para ser útil para si mesmo e para recomeçar.”

Roseli Cassiano Iglesias,
53 anos, frente de caixa



MENTE SÃ EM CORPO SÃO

Trabalhei como eletricitista em algumas empresas antes de vir para o Savegnago. Não gosto de ficar parado. Gosto da dinâmica do meu trabalho e de estar em contato direto com o público. Sinto, hoje, uma capacidade de entender melhor as pessoas e ter mais paciência. Hoje dou mais valor ao trabalho. A maturidade nos faz ver as coisas de outra perspectiva. A relação com a equipe tem sido de uma troca de experiências superpositiva, na qual posso compartilhar o que aprendi e aprender com eles. O acolhimento que recebi desde o começo foi muito marcante. E o trabalho me dá segurança financeira e a sensação de estar inserido na sociedade. É fundamental para o meu bem-estar. Minha mensagem para todos é manterem-se ativos, independentemente da idade. Mente sã e corpo saudável andam juntos, e o trabalho é uma ótima forma de conseguir isso.

Fernando Luiz da Silva, 59 anos, promotor de vendas. ■



Desde 1957, a São Francisco Gráfica e Editora tem sido uma referência em excelência Gráfica. Com compromisso inabalável com a qualidade, cada projeto é tratado com atenção única. Nosso objetivo é superar expectativas, não apenas atendendo mas excedendo os mais altos padrões de qualidade. Nossa busca pela excelência é constante. Estamos sempre inovando, aprimorando processos para garantir que cada produto seja uma verdadeira obra-prima.

Para alcançar esse nível de perfeição, contamos com equipamentos de ponta, que nos permitem atingir resultados que impressionam e inspiram.

Junte-se a nós nessa jornada rumo à excelência. Venha fazer parte dessa história de sucesso e qualidade.

PARQUE GRÁFICO

 **Impressão Rotativa**
3.120.000 páginas/h

 **Impressão Plana**
380.000 páginas/h

 **Revistas/Livros Colados**
14.000 exemplares/h

 **Revistas/Livros Grampeados**
37.000 exemplares/h



São Francisco
GRÁFICA E EDITORA

www.saofranciscograf.com.br

Fone: +55 16 2101.4151 | 16 99741.2547

grafica@saofranciscograf.com.br

PINTOR

de silêncios

PRODUZINDO ARTE COM DISCIPLINA E PACIÊNCIA, AOS 73 ANOS, WALDOMIRO SANT'ANNA DIZ QUE CRIAÇÃO É FEITA DE MEMÓRIA, DE ERRO E DE ALMA

Texto: **Yara Racy**



“O silêncio é uma forma profunda de comunicação”, diz Waldomiro

Natural de Itápolis, o artista plástico Waldomiro de Freitas Sant'Anna passou a maior parte da infância e da juventude em Santa Rita do Passa Quatro, terra de Zequinha de Abreu. A cidade pequena, a 85 km de Ribeirão Preto, é cheia de histórias e silêncios que o marcaram profundamente e foi onde fez sua primeira exposição.

Aos 17 anos, foi cursar Belas Artes em São Paulo, posteriormente concluindo o curso na Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) com grandes mestres, como Bassano Vacarini, Pedro Manuel, Berth, Amêndola e Fúlvia Gonçalves.

“A arte entrou na minha vida de maneira quase inevitável. Desde pequeno eu me encantava com as cores do entardecer, os rostos das pessoas, os gestos calmos do interior. Não desenhava por vaidade ou por desejo de mostrar, mas por necessidade. Minha família, embora simples, sempre me apoiou. Não entendiam direito o que eu fazia, mas me deixaram seguir”, conta.

Influenciado por Portinari, Chagall, Di Cavalcante, Picasso, Modigliani, entre outros, e também por igrejas coloniais, vitrais, cantigas populares e os gestos esquecidos das mãos de sua avó, Waldomiro diz que trabalha como quem respira, mas, aos 73 anos, pinta com mais silêncio, mais respeito ao vazio, ao que não precisa ser dito. “A juventude tem sede, pressa, uma certa angústia de deixar marca. Com o tempo, fui percebendo que a arte não é grito, é escuta. Antes, eu procurava. Agora eu deixo vir”, explica.

Claro que há disciplina — “o ofício exige isso”, afirma. Ele não se senta à frente da tela esperando um clarão. Começa e o quadro vai dizendo o que quer ser. “Às vezes ele se rebela, às vezes me guia. É um diálogo”, diz.



Para o artista, “a arte é feita para circular, mesmo quando dói”

Para o pintor, a música abre portas internas que as palavras não alcançam. “Já pintei depois de ouvir um trecho de Chico Buarque ou uma sanfona francesa distante. A música me oferece atmosferas e eu as traduzo em cor, em textura.”

DESACELERAR O OLHAR

Para o pintor, a idade influencia, sim, o trabalho. Deu-lhe paciência. “Já não é mais uma corrida contra o tempo. Faço meu café, leio um pouco, ouço música. Pinto melhor depois de caminhar devagar, de observar uma folha no chão. A rotina é simples: ateliê pela manhã, silêncio à tarde. Às vezes, nem pinto — apenas preparo o olhar”, ressalta.

Para ele, a arte, mais do que nunca, precisa desacelerar o olhar. “Vivemos um excesso de tudo, mas falta profundidade”, afirma. “A arte convida à pausa, ao sentir”, acrescenta. Vendo as IAs (Inteligências Artificiais) com curiosidade e cautela, diz que são ferramentas poderosas, mas não podem substituir a experiência humana da criação, que é feita de memória, de erro, de alma.

Chamado de “pintor de silêncios” e comparado a nomes como Portinari e Chagall, Waldomiro recebe elogios com gratidão, mas as comparações com humildade. “Não me comparo a esses mestres. Cada um tem seu tempo, sua dor, seu céu. Se dizem que sou ‘pintor de silêncios’, fico feliz, porque o silêncio é uma forma profunda de comunicação. E sim, eles me inspiram, mas não me guiam. Sigo minha trilha”, afirma.

A consciência de que continua aprendendo o mantém com os pés no chão. “A arte não é sobre mim, nunca foi. O reconhecimento é uma consequência, não um objetivo. Ainda erro,

ainda sou surpreendido. A vida real, com suas dores e alegrias miúdas, me ancora”, ressalta.

Se pudesse voltar no tempo, Waldomiro diria ao jovem de 17 anos que foi para confiar mais na intuição e menos nas expectativas alheias; que não é preciso provar nada a ninguém e que a beleza está no caminho, não no destino. “Também diria para ele não perder o sotaque, nem o jeito de olhar o mundo com espanto.”



**A JUVENTUDE TEM SEDE,
PRESSA [...]. COM O TEMPO, FUI
PERCEBENDO QUE A ARTE NÃO
É GRITO, É ESCUTA. ANTES, EU
PROCURAVA. AGORA EU DEIXO VIR**

Um quadro que, para o pintor, foi difícil de desapegar foi o de um campo vazio, com um banco solitário, que pintou depois da morte do pai. “Quando foi vendido, fiquei em silêncio por um tempo. Mas entendi que aquele quadro precisava seguir, encontrar outro olhar. A arte é feita para circular, mesmo quando dói.”

Uma vez, em um vilarejo, uma senhora disse a Waldomiro que um quadro seu a fazia lembrar do filho que partiu. Ela olhava para ele todos os dias e conversava com a imagem. “Ali eu entendi que minha arte tinha chegado aonde devia: no coração de alguém. Nada vale mais que isso”, conclui. ■

ALIADO DA *autoestima*

BRASIL CONVIVE COM ALTA PERDA DENTÁRIA ENTRE IDOSOS, MAS EXEMPLOS DE CUIDADO MOSTRAM QUE É POSSÍVEL ENVELHECER COM SORRISO SAUDÁVEL



“Aprendi que isso é uma questão de saúde geral. Os dentes funcionando bem, o organismo está protegido”, afirma Ettore de Oliveira

Aos 90 anos, o aposentado Ettore Ovídio de Oliveira, que trabalhava com planejamento de produção de automóveis, encara o sorriso como parte essencial de sua vida. Vaidoso, comemora uma recente correção feita por sua dentista — “Fiquei melhor ainda para sorrir, sem medo de ser feliz” — e conta que escova os dentes ao acordar e antes de dormir, utilizando também produtos específicos para sensibilidade. Embora não seja frequentador assíduo do consultório, costuma ir ao menos uma vez ao ano ou quando surge algum problema pontual. “Aprendi que isso é uma questão de saúde geral. Os dentes funcionando bem, o organismo está protegido”, resume.

É o que a cirurgiã-dentista Isabella Lima Arrais Ribeiro — que atende Ettore no day care que ele frequenta diariamente — pro-

cura demonstrar na prática. Fundadora do IA Odontologia Clínica e Domiciliar, a profissional elaborou formas de levar o atendimento até os idosos, unindo técnica e acolhimento. Ela explica que consultas no ambiente do paciente evitam deslocamentos cansativos e proporcionam mais tranquilidade a quem já enfrenta limitações. “Sempre procuro respeitar o ritmo de cada um e incluir a família nesse processo, porque isso cria confiança e segurança”, afirma.

Isabella destaca que o cuidado com a boca impacta não apenas a mastigação, mas também a autoestima e a disposição dos idosos. “Quando a pessoa volta a sorrir sem receio e consegue se alimentar melhor, a qualidade de vida muda. Ver isso de perto é o que me motiva todos os dias”, completa.

Com seis anos de experiência no atendimento domiciliar, Isabella adaptou sua rotina para levar estrutura e tecnologia até



“Quando a pessoa volta a sorrir sem receio e consegue se alimentar melhor, a qualidade de vida muda”, destaca a cirurgiã-dentista Isabella Arrais

pacientes que, muitas vezes, não conseguiriam chegar ao consultório. Equipamentos portáteis permitem realizar desde procedimentos simples até tratamentos mais complexos em casas, centros de convivência e hospitais.

A dentista lembra que, em pessoas idosas, qualquer infecção bucal pode evoluir para complicações graves, como problemas cardiovasculares ou respiratórios. “O cuidado vai além de preservar dentes ou encaixar próteses. É sobre oferecer conforto, segurança e bem-estar, garantindo que cada um viva com mais dignidade”, afirma.

74% DE IDOSOS EDÊNTULOS

Segundo a enfermeira Luana Oliveira, da equipe do day care frequentado por Ettore, sua vaidade segue intacta, e o cuidado com a saúde bucal é parte de sua rotina de vitalidade. Mas dados estatísticos mostram que ele é um ponto fora da curva na realidade brasileira. No país, cerca de 16 milhões de pessoas vivem sem nenhum dente e 39 milhões utilizam próteses dentárias – 33% da população. O Censo 2022 apontou que 41,5% dos brasileiros com mais de 60 anos não possuem todos os dentes. Em estudo na região Sudeste, 74,9% dos idosos eram edêntulos (sem dentes) e, destes, 42,6% não usavam prótese. A Pesquisa Nacional de Saúde de 2019 mostrou que uma em cada cinco pessoas com prótese tem entre 25 e 44 anos, revelando que a questão não se restringe apenas à terceira idade.



Isabella Arrais durante atendimento a Ettore no Day Care



“O sorriso gera conforto para a alma”, reforça o dentista Ronaldo Silva

Professor e mentor de pós-graduandos interessados em técnicas menos invasivas para pacientes desdentados totais, especialmente idosos, o cirurgião-dentista Ronaldo Silva acredita que um dos grandes desafios da saúde bucal na terceira idade é a ausência de dentes, problema ainda muito comum no Brasil. Ele explica que, por décadas, a solução mais adotada foi a dentadura, mas lembra que esse recurso pode trazer sérias consequências. “Próteses mal adaptadas causam perda óssea, prejudicam a mastigação, levam à subnutrição, baixa autoestima e até ao câncer bucal”, alerta. Em sua visão, sempre que possível, a melhor opção é substituir a prótese removível por implantes dentários com próteses fixas, que garantem mastigação mais eficiente, digestão adequada e maior qualidade de vida.

Com 35 anos de carreira, mestre e doutor em Reabilitação Oral, Ronaldo reforça que, mesmo com próteses fixas, os cuidados não podem ser negligenciados. Ele recomenda visitas regulares ao dentista, pelo menos três vezes ao ano, para ajustes, radiografias e higienização. Pequenas fraturas ou desgastes, se não tratados, podem ferir a gengiva e causar complicações sérias.

Para ele, saúde bucal está diretamente ligada à autoestima, como o prova o nonagenário Ettore. “O sorriso gera conforto para a alma. Poder falar, se alimentar e sorrir para os outros ou para si mesmo no espelho traz contentamento e equilíbrio. É uma sensação de estar bem consigo mesmo”, declara Ronaldo. ■

NO RITMO *da vida*

AOS 82, O MÉDICO PEDIATRA ALBERTO DABORI CONTINUA NA ATIVA, ATENDENDO EM SEU CONSULTÓRIO, CERCADO DE AMIGOS E DA FAMÍLIA, OUVINDO MÚSICA E DEFENDENDO A VACINA

Texto: **Wolfgang Pistori**

O consultório de Alberto Dabori é simples, mas carrega o peso da história. Decoração minimalista, diplomas nas paredes claras e silêncio entre uma consulta e outra, quebrado apenas pelo som distante da rua. Ali, em cada detalhe, há marcas de seis décadas de medicina. Aos 82 anos, o pediatra segue atendendo de segunda a sexta-feira. A rotina já não tem a velocidade de antes, mas conserva o mesmo sentido, de cuidar de crianças, orientar famílias, atravessar gerações. “Eu me formei em 1966, aqui mesmo em Ribeirão”, conta Dabori, sentado à mesa escura, com um bloquinho de notas e um notebook. “Desde pequeno eu dizia que seria médico. Nem sabia direito o que era, mas já repetia: ‘vou ser médico’.”

A lembrança mais nítida da infância é a figura do padrinho, médico em São José do Rio Preto, que permitia ao garoto assistir de canto a pequenos atendimentos e a entender um corte que precisava de sutura, um curativo, a conversa atenciosa com os pacientes. Aquelas cenas, aparentemente banais, fixaram-se na memória como um chamado. “Eu ia me entusiasmando. Quando estava terminando o colegial, precisava me definir. A maioria dos colegas ia para São Paulo ou Rio, mas eu escolhi Ribeirão.”

Dabori chegou à Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto em 1960, apenas oito anos após a criação da instituição. O curso de Medicina exigia disciplina e dedicação absoluta. Ainda estudante, ele passava os intervalos no ambulatório de pediatria.

Foi ali que encontrou sua vocação definitiva. A pediatria não lhe parecia apenas uma especialidade: era

uma chance de cuidar do futuro ainda em sua forma mais frágil. Ao concluir a graduação, doutor Alberto iniciou residência e logo estava no centro de projetos pioneiros da cidade. Em 1969, ajudou a fundar a pediatria do recém-criado Hospital São Lucas. “Conseguimos criar aqui uma pediatria de excelência. Foi um marco importante para Ribeirão Preto”, afirma.

O pediatra se tornou referência. Seu nome circulava em conversas de corredores hospitalares e em recomendações de boca em boca, entre mães que buscavam atendimento humanizado.

A dedicação tinha custos pessoais. Ele lembra de correr entre partos e consultas, às vezes levando os filhos para o hospital. “Sentava as crianças na recepção e dizia pro pessoal tomar conta deles enquanto



O médico soma quase seis décadas de medicina e ajudou a fundar a Sociedade Brasileira de Imunizações

eu atendia. Minha esposa também trabalhava. Foi um desafio conciliar.” A cena descreve não apenas a precariedade de recursos da época, mas também a vida de um médico entregue à profissão sem trégua. O consultório, os plantões e a família coexistiam em um equilíbrio entre o limite de ser um pai presente. Ainda assim, foi nesse turbilhão que ele construiu a reputação de médico obstinado.

A VACINA ANTES DA LEI

Em 1972, o hoje referência em vacinação tomou uma decisão que o marcaria para sempre. Durante uma viagem aos Estados Unidos, conheceu a então recém-desenvolvida vacina contra sarampo, caxumba e rubéola, a tríplice viral. No Brasil, a imunização ainda não estava disponível. O pediatra voltou determinado a oferecê-la a seus pacientes. “Precisei de autorização da Saúde Pública. Foi complicado, mas me sentia no direito de oferecer aos meus pacientes uma vacina que evitava uma doença gravíssima. Você não imagina o que era o sarampo na época. Ele matava”, lembra.

Durante anos, seus pacientes tiveram acesso exclusivo à imunização. Só duas décadas depois a vacina entrou no calendário nacional. O episódio é revelador da forma como o médico entende a medicina. Não apenas como ciência, mas como ato de responsabilidade ética.

Hoje, ao assistir ao avanço de movimentos antivacina, o pediatra fala com firmeza. “É uma pena. Vai haver desastre. O sarampo já está voltando. A vacina é super importante. Erradicamos varíola, quase acabamos com pólio, mas o sarampo está de volta. O mundo se comunica. Você leva a doença sem saber”, comenta.

CORPO RESISTE, MENTE INSISTE

Aos 82, o ritmo mudou. Não há mais madrugadas sem dormir, nem a correria dos plantões, mas a rotina ainda pede disciplina. Consultório pela manhã e à tarde, duas idas semanais à academia, leituras, jogos de raciocínio. “Faço esporte a vida inteira. Eu não consigo ficar parado. Ficar em casa assistindo TV? Não gosto. Eu preciso mexer em alguma coisa.”

O exercício físico é uma forma de resistência. A leitura e a música, alimento para a mente. Jazz, música clássica,



Alberto Dabori com os netos Eduardo e Guilherme, as filhas Fernanda e Carla, com a esposa Regina e o genro Ricardo

sica, Sudoku, cadernos de exercícios para a memória. A tecnologia, porém, ele mantém à distância. “Escrevo no manual, depois passo para o computador. Inteligência artificial? Acho que atrasa. As crianças não desenvolvem mais habilidade manual, não sabem brincar. É tudo passivo. Uma pena. É um caminho sem volta, mas precisamos ter parcimônia”, declara.

Dabori acredita que a experiência é um patrimônio que não pode ser descartado. “Outro dia encontrei um antigo professor meu, com 93 anos e ainda atendendo. Eu quero ir longe também. Enquanto tiver saúde e raciocínio, vou continuar.”

ALÉM DO CONSULTÓRIO

Quando não está com pacientes, o médico pediatra busca a companhia de amigos. O encontro em torno de um chope, a conversa descontraída, os vínculos sociais cultivados com cuidado. “Você tem que viver com amigos. A idade é um convite ao isolamento. Mas você não pode aceitar.”

É nesse convívio, e não apenas no trabalho, que ele encontra equilíbrio. Dabori já perdeu um filho, acompanhou netos crescerem, viu pacientes se tornarem pais e voltarem ao consultório com seus próprios bebês. A vida o atravessou em todas as direções.

E ele escolheu não encolher diante da idade. Continua a levantar-se cedo, a abrir a porta do consultório, a ouvir mães ansiosas, a examinar recém-nascidos, a preencher cadernos de anotações à mão. A medicina, que começou como uma curiosidade infantil diante do padrinho, tornou-se a força que guia sua existência.

No ringue da velhice, Alberto Dabori ainda luta em pé. A cada consulta, a cada conversa, a cada criança atendida, ele reafirma que não existe idade certa para parar quando o ofício é, também, destino. ■